

«Não há como  
sorrisos para ca-  
ptar simpatias»  
S. FERREIRA

ANO V - N.º 128  
AGOSTO  
11  
1957

# A Volta a Portugal



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154

DIRECTOR  
JAIME GUERRERO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216

LOULÉ

## Recordando

quem nunca deve ser esquecido

Pelo Dr. Aires de Lemos Tavares

EM 30 de Julho fendo com-  
pletou se um ano que fa-  
leceu o Dr. José Bernardo Lopes.

A doze meses da sua morte, esbatidas as paixões e esquecidos possíveis ressentimentos, já nos é possível fazer um recto exame às qualidades daquele que em vida foi um grande médico pelo saber e pelo coração.

Verdadeiro «João Semana» da clínica dos nossos dias, protótipo do antigo médico de família, o Dr. Bernardo Lopes alia a uma competência profissional invejável, raras facilidades de trabalho e elevados sentimentos de filantropia.

Ao longo de quase meio século de vida clínica, toda feita em Loulé, não têm conto os actos de benemerência que praticou, facto que bem justifica a máqua como é lembrado pelos pobres, em qualquer lugar ou sítio do concelho.

Se o seu desaparecimento feriu todas as camadas sociais da população louletana, foram os pobres que mais duro golpe sofreram e esta lacuna, longe de estar preenchida, continua a ser um caso vertente, cuja solução só por acaso pode surgir.

É dito «ó por acaso», visto não ser altruista quem quer mas só aquele que encerra em si tal sentimento e o Dr. Bernardo Lopes possuía-o em alto grau, a ponto de considerarmos esta faceta uma das mais interessantes da sua personalidade.

Para ele, a sua profissão era o seu mundo, a principal razão de ser das suas preocupações; por isso se lhe entregou em dâdiva total, com prazer para as suas comodidades e para o sossego da sua vida familiar.

No Hospital, o Dr. Bernar-

do Lopes era o clínico, o cirurgião e o radiologista—elemento competente em 3 ramos complexos da medicina! — e como se isto não fosse suficiente, ele era ainda o tal «João Semana» que não voltava a cara a uma chamada, de dia ou de noite, com bom ou mau tempo e fosse qual fosse a aspereza da caminhada...

Possuidor de uma resistência física invulgar, depois de um dia de trabalho insano, não procurava o merecido repouso sem dedicar algumas horas ao estudo, única forma de não ser ultrapassado pelas conquistas da ciéncia e assim podcr desempenhar, cabalmente, as exigências da sua profissão.

## SERVIÇO de automotoras

Porque já não é a primeira vez que tal acontece não queremos deixar passar hoje sem reparo o facto de no passado dia 5 (e também no dia 6) terem deixado de seguir na automotora para Lisboa cerca de 20 pessoas que pretendiam embarcar na estação do caminho de ferro de Loulé e que não poderam seguir por falta de lugares.

Se acrescentarmos que, ao comprarem os seus bilhetes, essas pessoas foram informadas que só poderiam seguir de pé, facilmente se verificará o transtorno e a urgência que tinham em seguir na automotora, pois automaticamente se sujeitavam a uma viagem francamente incómoda, atendendo a que talvez mais de 95 % dos passageiros da automotora se destinavam a Lisboa.

(Continuação na 4.ª página)

## VOLTA A PORTUGAL em bicicleta

RIBEIRO DA SILVA, EM EXCELENTE RITMO, FOI O PRIMEIRO CORREDOR A PASSAR EM LOULÉ

Apesar do avanço de 35 minutos sobre o horário previsto para a sua passagem nesta terra, toda a caravana da grande corrida ciclista, na extensa travessia da nossa Vila, foi aclamada e presenciada por numerosa multidão, que se colocou nos melhores locais e que viveu intensamente o colorido e vibrante espetáculo e lhe dispensou, especialmente aos corredores, entusiástico acolhimento.

Foi uma viva recordação dos tempos inesquecíveis de Mealha e Apolo.

Com a magnifica fuga dos académicos Ribeiro da Silva, à saída de Odemira, todo o pelotão se esfregalhou, pelo que os corredores passaram em Loulé em pequenos grupos e com intervalos sensíveis duns para os outros.

Depois do vencedor do Tourmalet — que foi o grande herói da dia — também Alves Barbosa foi ovacionado. Foram estes dois ases do pedal, que aqui desfrutaram de grande popularidade, juntamente com o espanhol Manzaneque e o benfiquista João Marcelino, os que deixaram melhor impressão pelo seu ardor combativo.

«AMIGOS DE PRIMEIRA APANHA»

Por gentileza do louletano Helder Sobral, que na sua terra quis ter a satisfação de oferecer aos seus colegas da Emissora Nacional, fomos um dos convidados ao belo repasto marisqueiro que nos foi servido em Quartelaria.

Para além da simpática presença de toda a equipa da E. N., da excelente verve de Artur Agostinho, que se dispôs a «bombardear» ditos graciosos ao Director da Volta — o seu e nosso velho Amigo Anacleto da Ponte — tivemos a satisfação de saborear espiritualmente, um dos pratos mais suculentos de toda a emenda. Foi primorosamente servido pelo Dr. Tavares da Silva, com o seu indefectível culto da amizade. Ficamos agora cientes de que só os amigos de primeira apanha poderão fazer parte da sua «marcação cerrada».

J. T.

## Na Hora da Saudade...

## Setúbal-Loulé

(mas há meia dúzia de anos...)

A Etapa Maratona da VOLTA A PORTUGAL  
revista pela pena dum extra-jornalista

Esta é a etapa de Loulé. O Ciclismo esqueceu-a, mas nós revivemos-la. É como uma Missa de 3.º aniversário de alguma coisa de grande que faleceu... Aqui tens, louletanos, a vossa etapa em apontamentos — saudade, alguns anos volvidos.

O ciclismo pode negar-se às pistas, trocando-as por praias e jardins, como se o desporto fosse turismo, ou cicloturismo — puramente... Mas a etapa de Loulé não morreu. Continua fielíssima no pensamento de quantos a amaram e nesse amor foram esquecidos...

«...»

A primeira volta à manivela do filme de cada dia... foi dada no Porto. Realmente, a «Volta a Portugal», é um filme... um filme em séries, de narrativa dramática, aventurosa, homérica, em que os episódios se desbobinam numa sequência de etapas, com relevo para um ou outro herói...

As suas legendas, à força do filme ser mudo, é o povo que as escreve na imensa e esguia ardósia da estrada, numa extensíssima fita gelatinosa e negra, em que a película se retrata.

«Viva o Porto!...» «Viva o Alves Barbosa!...» «Viva o Benfica!...» são as legendas mais gasta das «Volta», o ritornel que não cansa, nesta «zarzuela», colorida como um arco íris.

Eis porque a «Volta» é um filme mudo, um filme de diálogos

emprestados pelo entusiasmo popular, sem música de abertura nem melodia de fundo, como os antigos filmes de Charlot e de Ricardito.

Este «filme», feito para o povo e trazido ao povo, nada mais lhe pede que a moeda da popularidade, à entrada e à saída, com sessões permanentes, de grande afluência, que só cansam quando os «heróis» do pedal esgotam o episódio de cada dia, ou a série total de episódios.

Hoje, o «filme» deixou Setúbal, a cidade dos laranjais. Fez as malas e partiu rumo ao Algarve, onde três sessões em cheio a aguardam — Loulé, Vila Real de Santo António e Tavira.

A partida, dada na Rainha do Sá, o tecnicolor da caravana entrou a desbobinar-se, entre as aclamações da gente setubalense, para uma nova viagem. Este foi o primeiro encontro homérico da «Volta», com 303 quilómetros de rodagem, visto que os antecedentes não têm passado de «literatura» barata, sem entrecho digno de epopeia.

Para esses homens vão todas as panorâmicas deste episódio, que vale um bom filme de fundo; todas as objectivas do nosso jornalismo, feito de apontamentos colhidos a 50 quilómetros à hora.

Operado o esticão, a fita longe de partir-se entrou a diluir-se em

(Continuação na 3.ª página)

## AS NOSSAS ENTREVISSAS

## UM PROBLEMA ALGARVIO

### O FIGO INDUSTRIAL

A um mês da próxima colheita «o enquadramento no plano de distribuição para fins de destilação do excedente da produção algarvia» é a única solução — pelo menos para efeito imediato — que se impõe no momento actual».

Diz ao nosso jornal o Presidente do Grémio dos Exportadores dos Frutos e Produtos Hortícolas, do Algarve Sr. Francisco Guerreiro de Barros:

(Uma entrevista de Luís Sebastião Peres)

Aproximando-se a nova produção do figo algarvio — pois que ainda existem da colheita passada 3.000 toneladas sem aproveitamento, redundando num grave prejuízo para a lavoura algarvia — e porque o problema do figo industrial carece de uma solução imediata, não podendo de forma alguma confiar-se ao caso transitorio, deliberámos ouvir pessoa afecta a este premente problema e, a escolha recaiu na pessoa do nosso amigo e compatriótico sr. Francisco Guerreiro Barros que, como algarvio e Presidente do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve, tem dispensado a mais ardorosa e desinteressada colaboração e carinho.

Sabendo da sua estada em Lisboa onde veio tratar, junto das entidades superiores afectas ao caso, do problema do figo mercantil que a província produz, puzemo-nos imediatamente em contacto com aquele nosso compatriótico, cuja confirmação telefónica levou-nos até ao Hotel Portugal, onde se encontrava a compulsar variedade documentação para ir, momentos depois, a uma reunião com entidades oficiais.

Logo que nos foi consentido entrarmos no assunto que ali nos levava, puzemo-lhe a nossa primeira pergunta:

«Enquanto eu for vivo  
não haverá ciclismo em Loulé!»

Por falta de espaço, publicaremos no próximo número, em transcrição do «Mundo Desportivo», de Lisboa, a entrevista concedida pelo conhecido dirigente do Louletano D. Clube, sr. Bexiga Peres, na qual produz, entre outras, a afirmação de que enquanto for vivo não haverá ciclismo em Loulé!

E, caso para perguntar: — Então o ciclismo louletano está nas mãos dum a unica pessoa? — Quer dizer, tem um só dono, que é quem «tudo lo manda? — Se assim é foi trabalho baldado o arranjo recente da pista pela nossa Câmara? Perante uma afirmação tão categórica é melhor o Atlético e os Leões de S. Francisco desistirem do seu

(Continuação na 4.ª página)

dente, para o qual se tem levantado as maiores dificuldades.

E PORQUE SO ASSIM O PROBLEMA DO FIGO ALGARVIO FICARIA SOLUCIONADO INDAGAMOS?

— Permitindo à Lavoura a garantia de que está assegurado o escoamento duma parte desse figo que não pode ter outra aplicação.

E DE QUEM DEPENDE A APLICAÇÃO DESTA MEDIDA?

— O nosso entrevistado não se faz demorar para nos dizer: Do Ministro da Economia — que alias já a considerou nas suas prometidas soluções — e da Junta Nacional do Vinho.

— Uma vezposta em prática esta medida — continua — terminariam assim as situações de emergência que há anos se vem verificando, — e isto com graves prejuízos para a Lavoura e Economia algarvias — não só por di-

(Continuação na 2.ª página)

Números e curiosidades do mundo do ciclismo

## Para dar a Volta a Portugal são precisas 277.000 pedaladas e 49 toneladas de energia

Pois é verdade, leitor! Cada corredor que completar a actual corrida ciclista ao país, terá dado cerca de 277.000 pedaladas. — Já reflectiu bem na eloquência destes números? — E na força dispensada para totalizar essa longa pedalagem — subindo encostas, vales e montes e percorrendo extensos terrenos planos, sob um sol escaldante e o martírio da sede a flagellar as garnetas desses «gigantes da estrada»?

Como muitos dos problemas actuais buscam a sua solução num dos elementos imprescindíveis à vida moderna — a estatística — também nós nos envolvemos nessa ciéncia para atingirmos o resultado do nosso, que é de curiosidade e entretenimento. Não tem a virtude de pôr o bacalhau a patato, o que era mais importante, bem o sabemos. Mas enquanto o leitor se distrai com ele não pensa nos engenhos nucleares, nas letras a pagar, no derriço da sopeira com o namorado e na sua difícil substituição, nas dívidas incobráveis, na crise de negócios, etc..

Começamos por lhe apresentar

### Major Mateus Moreno

Foi agraciado com a comenda da Ordem Militar de Avis o nosso ilustre compatriótico e devotado director da Casa do Algarve em Lisboa, sr. Major Mateus Martins Moreno, a quem, com muita amizade cordialmente cumprimentamos.

Nota explicativa — Os carretos e as pedaleiras vão de 12 a 24 e de 42 a 54 dentes, respectivamente. Os carretos mais em voga, entre nós, são os conjuntos 14-16-18-20 e as pedaleiras duplas 47/49. Alguns corredores utilizam os pares-pedaleiros 46/49 e 47/50, tal como nos carretos outros preferem as séries impares. Um ou outro ciclista trabalha sob a desmultiplicação 13×50 (8,18 mts.) destinada a lançamentos esticões cu perseguições curtas, a qual, porém, exige muito poder (admitimo-la em A. Barbosa e L. de Sá) e outros recorrem ao 13×49=8,02. (talvez seja o caso de R. da Silva, Raposo, Onofre, Polainas). Alguns pro-

(Continuação da 3.ª página)

Como praia centro

piscatório, Quar-

teira tem encan-

tos turísticos de

grande atracção



12 AGO. 1957

# «Loulé... em retrato»

UMA VEZ, em Lisboa, dormi numa casa que fica na confluência da Almirante Reis com a Avenida Paris e Rua da Actriz Virgínia e fiquei alucinado, de madrugada, com os ruídos do trânsito. Pela rua de lado, passa todo o movimento de um mercado público. Nas caves do prédio, onde dormia, funcionava um armazém de retém de recipientes para lixo e às 4 da manhã começava a descarga daqueles latões, que era um complemento formidável dos barulhos do trânsito.

Só lhes digo que era uma coisa horrível, um petisco insuportável e indigesto, daquelas que provocam vómitos e ansiedade.

Chamo em meu auxílio, para ajudarem a formar uma ideia, todos os que moram no lado descendente da Avenida José da Costa Mealha e vivem em prédio terreo, no qual durmam com janelas abertas, nestes dias em que se morre de insolação dormindo com elas fechadas.

Pois só lhes digo que comparo este flagelo de ruídos, com aquele que passei em Lisboa.

Os camions que estacionam na própria Avenida, a corrida das bicicletas a motor, dos vendedores de peixe, que regressam para Quarteira, fazendo um barulho parecido ao de um motor de avião, os carros de carga para o mercado, as camionetas da E. V. A. que saem da garagem de re-colha para as carreiras da manhã, provocam um conjunto ruidoso, que coloca a minha casa, na posição daquela em que pernoitei em Lisboa.

Até os condutores de bicicleta sem motor, entendem que não é de fazer barulho e aos pares, assobiam, cantam ou conversam em voz alta:

— Vê lá se vás comprar hoje bogas a 6\$00 para as vender a 5\$00!

— Aquele gajo precisava mas era de andar neste ráio de vida!

— Ela estava no baile, mas

## Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apesar de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazém muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário António Francisco Coentreas.

## Aprendiza

Para trabalhar com máquina de apanhar malhas em meias precisa-se.

Nesta redacção se informa.

o marido chamou-a e deu-lhe uma chapada!

São frases soltas que se ouvem de madrugada nesta vila, de ruídos insólitos, onde é impossível sossegar de manhã.

«»

Não deve haver no Algarve terra que tenha tantas bicicletas motorizadas ou de pedal.

Antigamente, a postura municipal, proibia o escape sonoro destes velocípedes e quando para Loulé veio a P. V. T. ainda se conseguiu pôr um pouco de temporeiro ao desemprego dos escapões dos micromotores. Parece que hoje já ninguém se importa e os rapazes até mandam preparar os tubos em rabo de peixe para que o barulho seja mais violento, isto é, atraia mais sobre si a atenção, a irritação dos circunstantes e a atracção das moças novas que acham o «Rock and Roll» uma melodia deliciosa de ritmo e harmonia.

«»

E então, nas noites de cinema, quando os passeios estão vedados por uma barreira de bicicletas junto ao lencil!?

Se é noite de vento forte, ouve-se o cair quase contínuo da bicicleta mal equilibrada.

Zás!, lá caiu uma!

Zás!, lá caiu outra!

«»

O velho professor Cabrita da Silva, que preparou para a vida várias gerações, no número das quais a de Duarte Pacheco, que era dos seus alunos mais rebeldes e endiabradados, dizia, considerando todas estas diferenças de viver, a que o «progresso» e a «civilização» nos sujeitam:

— «O moderno está muito apurado!»

«»

O saudoso amigo Artur Gomes, que era acima de todos os naturais defeitos da raça humana, amigo leal e dedicado do seu amigo, dizia a meude:

— «Está tudo doido!»

«»

Mas para onde vamos nós?, pergunto eu.

«»

Haverá alguém que saiba dar resposta, no mundo inteiro, a esta pergunta?

Reporter X

## Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa

Ginginha e Eduardino das Portas de St. Antão

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

LEIA!

ASSINE!

DIVULGUE

«A Voz de Loulé»

## Recordando

quem não deve ser esquecido

(Continuação da 1.ª página)

Esta foi, sem dúvida, outra faceta relevante do seu espírito de eleição.

Como qualquer mortal o Dr. Bernardo Lopes não era isento de defeitos, mas estes em nada afectaram a personalidade do médico, pois esta defendeu-o sempre com a sua inteligência; o seu amor ao trabalho e ao estudo; a sua excepcional força de querer e os seus belos sentimentos de caridade pelos pobres e desprotegidos.

O título que encima este despretencioso artigo «Recordando quem não deve ser esquecido» e o mais que no mesmo artigo se refere não tem nem podia ter intuito louvam-ho, ele representa um acto de justiça à qualidades de um Homem que soube impor-se à nossa consideração, por muitos e destacados méritos.

E se prestar honra ao mérito constitue um imperativo da nossa consciência, quanto aqui fica escrito deve ser tomado na justa medida do nosso respeito pelo valor de quem soube sempre o var e prestar-giar a sua profissão.

A ideia nascida, logo após a morte do Dr. Bernardo Lopes, de perpetuar, no bronze ou na pedra, a memória da sua relevante e dilatada ação, ao serviço do bem comum, não deve esmorecer e hoje, a um ano da sua morte, tal preito de justiça impõe-se. pelo significado espiritual que encerra e como exemplo a apontar às gerações vindouras.

LEMOS TAVARES

x-x-x-x-x-x-x-x

## Tolerância

O Reverendo Dr. Álvaro Vieira de Madureira profere, na sessão solene de abertura do nosso ano lectivo do Seminário Maior do Porto uma oração de sapiência subordinada ao tema «Do difícil problema da Tolerância». Desse notável trabalho pedimos licença para transcrever estes períodos:

«Dê-se à Imprensa ampla liberdade de crítica aos actos políticos do Estado ou dos cidadãos. Os católicos, os cristãos em geral, deviam clamar por uma ampla liberdade de Imprensa, nos países em que não existe. Não há razão para temores: uma doutrina que não se consegue aguentar na luta, em pé de igualdade com as contrárias, é doutrina que não merece sobreviver.»

No entanto — prosseguindo — em profundidade, parece-me que o problema não ficaria integralmente resolvido, porque, teríamos, de novo, que voltar ao quadramento do álcool, da aguardente produzida naquelas Cooperativas; ou então ao regime livre do comércio e trânsito da aguardente dentro do País.

— É claro que esta resolução

de vender aguardente em regime livre, agravaria a crise da vinicultura nacional em cuja defesa, o Governo da Nação, tem-se mostrado activamente empenhado.

— Quando se utiliza leite pasteurizado, este não deve ser fervido mas apenas aquecido em banho-maria.

— Quando se escreve a alguém

deve-se ter o cuidado de pôr a data na carta, e de escrever a direcção do remetente na própria carta e nas costas do envelope.

— Quando se aproximan as festas ou os aniversários, deve-se cumprimentar os pais, pessoas amigas e ainda aqueles a quem devemos obrigações.

CONSELHOS UTEIS

— As cascas de ovos pisados

com sal são boas para limpar os utensílios de cozinha (formas de pudim, tachos de esmalte, etc.).

— Se sentir os olhos cansados,

põnha parches de água morna nas pálpebras.

— A água de sabão é um adubo para as plantas novas.

— Ponha na caixa da pomada

para o calcado umas gotas de parafina. O calcado ficará lustroso.

— Uma maçã ou uma cenoura

na caixa do pão evitam que este seque depressa.

— Se quer conservar a manteiga

sem ranço, junte-lhe mel, na proporção de 60 gramas de mel

para 1 kg. de manteiga.

— Use cascas de laranja secas

para substituir a baunilha ou o limão na feitura de cremes, bolos ou sorvetes.

— Use sempre água fria para lavar os seios.

— Para cozer o grão-de-bico

ponha-o ao lume em água fria.

Não deite água durante a cozedura.

— Poupe a cera para os soalhos, misturando-lhe algumas gotas de vinagre.

Graça Maria

(Continuação da 1.ª página)

# O FIGO INDUSTRIAL

(Continuação da 1.ª página)

ferenciais de preços como também pela incerteza como aquele comércio se pratica, visto que ninguém sabe antecipadamente qual o regime em que a mercadoria será colocada no mercado da indústria.

Dadas as características do problema e do valor que ele representa para a Lavoura da província do Sul do País, leva-nos a outra pergunta:

UMA VEZ CONSIDERADO O ENQUADRAMENTO DO FIGO ALGARVE NO PLANO DE DISTRIBUIÇÃO PARA SER DISTILADO, SERIA-O em TORRES NOVAS?

Respondendo, o nosso entrevistado diz:

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

Respondendo, o nosso entrevistado diz:

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possue uma grande fábrica no Algarve (Algós), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impedia a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um object

## Associação de Assistência à Mendicidade

(Continuação da 1.ª página)

Quem se der ao incômodo de meditar uns momentos sobre estes e outros assuntos, terá ocasião de verificar que a mentalidade de certas pessoas é ainda do tempo dos fósseis e dos paleolíticos.

Pouco mais têm avançado, do que na maneira de vestir, que essa, supõem elas, é querida personalidade e valorização. No mais, permanecem ignoradas e atrevidas.

Deste modo não é possível conseguir nada de certas pessoas. Não têm culpa, pois para mais lhes não chega a compreensão. Assim, não há clima senão para a imitação servil, a macaúque da cópia, e a superior aptidão para a má língua.

Para o mais, nada.

Como todos os animais dessa espécie, têm que ser puxados para o lado contrário daquele que se pretende, para se conseguir deles a realização do que é útil e aproveitável.

Tem sido dito que a maior conquista social da nossa terra foi a extinção da mendicidade pelas portas e ruas da vila. O que isso representa de sanidade social, de caridade pública bem repartida e eficaz não tem discussão nem sofre contradita.

Foi uma obra em que se empenharam todos os louletanos de bom coração e acentuado amor pelo seu semelhante e pela dignidade dos seus irmãos eventualmente em desgraça.

Dar lhes com uma das mãos sem que a outra o saiba. Amoravelmente, humanaamente, elevando-os até si, sem lhes lançar em cara a sua desdita, antes procurando que eles sintam menos o seu infarto e não sofram a humilhação de ter que receber esmola pública, supremo insulto que uma sociedade que se pretende de civilizada lança à cara de um seu semelhante.

Pois há quem tirando disso os maiores benefícios, pela extinção do contínuo bater às portas, vá dar esmola pública mente às portas das igrelas ou à porta do cemitério, fazendo estendal da pobreza necessitada e da miséria humana, alinhando os seus semelhantes como coisas desprezíveis à parede do cemitério ou enclausurando os como gado num curral para lhes dar o seu gênero óbulo.

Não seria mais digno, mais humano e mais decente pegar nessa importância e ir levá-la à residência dos que pretendem socorrer, ou entregá-la à A.s. cião para que ela ocorresse os necessitados que desveladamente assiste?

Seja infinitamente mais nobre socorrer o semelhante, sem o sujeitar à vergonha do rebaixamento em que coloca um seu irmão necessitado.

Quando será que se fará luz no espírito de certas pessoas, que de humano têm o aspecto, mas no procedimento se assemelham aos irracionais de que atrás falamos?

A Direcção

## Hora da saudade

(Continuação da 1.ª página)

tons de Corot, estrada a fóra, em tons vários, num arco iris esfrangalhado, desfeito pela vaga da cansaço, que breve evidência os seus estragos, e nós partimos para a frente pelas «operações» de vulto, deixando o pelotão geral entregue a si próprio, sem receio que se perca...

Os cinco «comandantes» passam a reveres-se na condução da corrida e ensaiam, por vezes, ritmos de «ballet» clássico, sempre que a estrada, se inclina, ingreme, e é preciso não perder tempo a subir.

A luta está travada. Os cinco da frente são o «mote», os da retaguarda as glosas rimadas nas mesmas cores das «jerseys» da frente, Alcâcer do Sal e Grândola divisam-se, por sua vez com os seus prémios tentadores, e são atravessadas como uma seta mortal — ficando a estrebarchar de delírio e mortas de saudade... O nosso carro pára por algumas objectivas de relevo para o jornalismo, a firma produtora do filme.

Na brigada de realização desta Metro G. Mayer, há quatro nomes distintos, quatro figuras responsáveis pelo filme. O chefe, o homem da manivela; eu, o Cummings, pela gama de coloridos; e os dois redactores de serviço, o Fritz Lang e o Frank Capra. Por vezes, entra também, extra-programa, em acção, a Polícia de Viação e Trânsito, para meter na ordem a imensa legião de «pasteleiras» que se cruzam no nosso rumo, estragando as melhores objectivas do filme...

O Cercal em diante, a paisagem transfigura-se como uma figura sádica que adeceu gravemente. São as terras de estepe reflectindo cenários flagrantes dos «Cifeiros», de Fialho, e de «O Serão Alentejano» de Severo Portela.

A prova endurece cada vez mais, com os ciclistas mordendo o pó e ardendo de sede, a uma temperatura de 40° centígrados. A legendar esses cenários, apenas SS sobre SS, em curvas arrojadas de montanha russa identificando o Sul, como ponto cardinal da rota geográfica que se procura para o mar...

Entre os quilómetros 140 e 143 há um posto de abastecimento, que os corredores procuram, cegos de luz, exaustos das caminhadas, largando as bicicletas e os seus objectivos de vencedores, para se mergulharem nas sombras escassas dessa tarde tipicamente — infernalmente alentejana.

Depois surgem os restantes, como vindos do «trabalho» cegos, doidos, sedentos, lançando-se na sombra escassa...

ODEMIRA --LOULÉ

Odemira-Loulé, constitui o segundo acto do drama, a fase decisiva da luta. Terminou o controlo, e os homens lançaram-se nas suas bicicletas em busca do Monte de Odemira, onde o «prémio da montanha» vai ter a sua cena dramática, o desfecho culminante ao marco 400 do quilómetro 105, a 100 metros de elevação.

A meio da subida, há um corredor que parte a bicicleta e fica

rebaixamento em que coloca um seu irmão necessitado.

Quando será que se fará luz no espírito de certas pessoas, que de humano têm o aspecto, mas no procedimento se assemelham aos irracionais de que atrás falamos?

A Direcção

Quando chegaram em frente da aldeia onde a encosta se afunda mais no vale, o padre estacou de repente e protegeu os olhos com a mão. A luz intensa dum relâmpago viu por baixo da capela uma cabeca negra como ébano e sobre ela a voltar, uma pena vermelha.

Não era daqueles que viram a cara; e nele nasceu o desejo de vencer ali mesmo o inimigo, o desejo santo que adivinha a presença do mal e corre em socorro daqueles que se devotam com todo o coração a Deus, com o mesmo impulso que penetra a semente do trigo quando a vida entra nela, como o que se introduz na flor quando está prestes a desabrochar, como o que se apodera do herói quando o seu adversário ergue a espada. E assim como o afogado corre para a água fresca da corrente e o herói para a batalha, assim o padre vai pela encosta abaixo pronto para a luta ousada, mete-se entre o caçador e Cristina, que precisamente neste momento lhe vai a deitar a criança nos braços e atira para entre eles, com voz bem audível, os três mais altos nomes sagrados. Empunha o Santíssimo em frente do rosto do caçador, lança água benta sobre a criança e acerta em Cristina ao mesmo tempo. O caçador solta um uivo de dor e mais adiante, trémula como um risco de falso a sumir-se pelo chão, vê-se uma penazinha a lucilar. Atingida pela água benta, Cristina encolhe-se toda e deita assobios como a água no cal, lambem-se chamas alterosas dos pés às faces, e a aranha negra intumesce, inchá, avançando-se sobre o rosto encarquilhado e sumido de Cristina, lança silvos agudíssimos e pousa por fim sobre a criança, regorgando de veneno e alívio, soltando dos seus olhos negros como a escuridão, relâmpagos de ódio contra o ministro do Senhor. O padre exconjura-a com água, que assobia como água comum sobre uma pedra incandescente; a aranha cresce, torna-se robulada e estica cada vez mais para longe as suas pernas pretas, e os seus olhos fuzilam cada vez mais pegonhentamente sobre as sagradas insignias. Irido e cheio de fé, o padre puxa por ela com mão ousada, sem temor, e aperta-a com força. E como se enterrasse tachas entre as unhas, mas não desfalece; e cheio de gana, arremessa o hediondo bicho para longe, arrebata a criança e apressa-se a conduzi-la à casa onde nascerá.

E mal a titânica luta acabou, a lufa-lufa das náus teve termo e estas recolheram-se outra vez às suas câmaras escurias; em breve o vale, até agora tão lúgubre, alumia-se com a claridade serena das estrelas e o padre chegava abraçando o menino, quase sem fôlego, mas orgulhoso do triunfo, à casa marcada para o sacrifício.

Na lóbrega alcova do casebre rústico, a velha rezava, premindo as mãos contra os mirrados seios, confiando ainda que Deus tem mais de poderoso que o diabo de mau; a seu lado jazia inanimada

## Números e curiosidades do ciclismo

(Continuação da 1.ª página)

issionais de pista valem-se do  $13 \times 51$  e  $13 \times 52$  — caso do belga Brunnel, que foi, para nós, o melhor «pistard» que passou em Portugal, cujos lançamentos nos davam a ideia de copiados a papel químico.

Entraram em conta no apuramento das desmultiplicações usadas e a usar na Volta os seguintes elementos:

a) — quilometragem em subidas íngremes, de pouco desnível e suaves.

b) — descidas acentuadas com leveiro perfil, com muito perfil (e a consequente travagem seguida de pedalagem, nas curvas mais apertadas), e descidas sem pedalar.

c) — «Demarrages» diversas, seguidas de roda livre, etc.

— Cálculo dos Kms. sem pedalar: 489.

— Desenvolvimento médio por pedalação:  $1.800.000, X 6,5 = 277.000$  pedaladas. Por etapa = 17.310 pedaladas.

Eis em síntese os cálculos, com a sua falibilidade.

Vejamos agora a força dispensada. Calculemos o peso médio por pedalada em cerca de 180 gramas e encontraremos um gasto total de energia à volta de 49 toneladas (3.000 kgs. diárias).

Alimentação — Um corredor absorve, em média, durante a Volta, mais ou menos os seguintes alimentos: 14 kgs. de carne, 5 galinhas, 3 dúzias de ovos, 2 quilos de açúcar, 30 kgs. de frutas, 15 litros de vinho ou cerveja, 16 kgs. de pão e 70 lts. de agua.

### VOCABULARIO DA VOLTA

Expressões usadas vulgarmente por corredores e acompanhantes

Vai ver a «garça» — Fuga dum corredor «que tem pressa» porque o espera uma bela «garça» na meta.

O gado vai manso — Pelotão em andamento lento.

O gado vai bravo — Pelotão em andamento rápido.

O gado espantou-se — Movimentação do pelotão devida a fuga ou tentativa de fuga.

Partiu-se o harmónio — Pelotão fracionado em vários grupos, próximos uns dos outros.

Afanado — Corredor ligeiramente desfalecido.

Ir às malvas — Fuga sem efeito.

Para comprar uma quinta — Corredor que ganha mais dum etapa seguida.

Limpar o cébo — O que «limpa» muitos prémios de passagem.

Sair de sócos — Fuga mal sucedida devido a barulho feito nas «mudanças» ou por ter «saltado» pela frente, do pelotão, em vez de lado.

Taleigada — Uso da desmultiplicação superior.

Ir na menina — Pedalar em desenvolvimento leve.

Passo de boi — Andamento lento — Passo de cavalo — andamento rijo.

A D. Micas vai mal — Quando a bandeira vermelha, no carro do director da corrida, indica baragem a todos os veículos da caravana: Ir à mama — O corredor que vai sempre na roda doutro.

Fazer ronha — O ciclista que diz não poder ajudar os colegas e mais tarde lhes foge. A trabalhar para o presunto — Diz-se do último por causa de em certas terras lhe atribuem prémios. (Em Lamego havia sempre um presunto para o último).

*Sprint* com barréte — Os corredores que sprintam julgando

do haver prémio. (caso de Onofre em Loulé, o ano passado).

Quando o Ribeiro trepa até as montanhas tremem — Parodiando um dito de Ildefonso Rodrigues sobre Ribeiro.

«Bifes» à Lacerda — (Jornalístico) — Quando um colega pede a outro para lhe tirar uma cópia das classificações. (A propósito de um pedido feito pelo jornalista-veterano da Volta à seu colega Afonso de Lacerda). Sapatada — fuga em grande estilo.

### CURIOSIDADES

Em França, existiam nos últimos anos, cerca de 10 milhões de pessoas que usavam a bicicleta, ou seja, aproximadamente, um ciclista por cada 4 habitantes. A proporção era maior na Holanda, Dinamarca e Bélgica.

Uma bicicleta moderna é composta por cerca de 17.000 peças.

Dez gramas a menos na periferia da roda traseira (cubos, raios, porcas, tubos) valem mais do que 2 quilos a menos no resto do velocípede.

Para as grandes quilometragens é um factor importante a considerar.

Foi a bicicleta do filho que levou o veterinário escocês John Boyd Dunlop à descoberta do pneumático em 1887.

Um corredor experiente e calmo não leva mais de 2 minutos e meio a substituir um tubo rôto.

Entre a segurança dum tubo mais grosso e o perigo dum tubo mais leve, o corredor de classe opta pelo risco do último.

Talvez encontremos no conceito atraçado algo do «desastre» da tirada para Faro. Barbosa, cuja forma física parece não ser famosa, talvez se socorra desse tubo menos pesado, acarregando a «etapa dos furinhos» bastante prejudicado nas suas aspirações a «leader». Ribeiro, contudo, entre 50 a 100 gramas mais, optou pela segurança e com elas os seus lucros foram substanciais.

O «cultural do ciclismo» conhecedor, por certo, daquela máquina, aplicou-a em seu prejuízo, enquanto que o Zatopek da bicicleta acabou por mandar aumentar aquela verdade estoutra: «salvo casos especiais de estrada perigosa, pelo acidentado do seu perfil ou estado».

No acerto das medidas ideais das manivelas pedaleiras (crenques) e no do desenvolvimento, residem o segredo técnico do ciclismo.

Saber qual a medida conveniente dessas manivelas (16,5 a 18,5) e a das desmultiplicações necessárias à forma, estilo e potência do corredor reside o saber dos bons técnicos e dos corredores de classe.

Apesar de ser o tubo traseiro o que sofre maior desgaste (arranques, travagens, maior peso) costuma-se usá-lo de peso inferior ao da roda da frente.

### BARBOSA E OS DESENVOLVIMENTOS

Para satisfazermos o pedido dum leitor, a propósito do comentário «Ribeiristas e Barbosistas», publicado no número anterior, acrescentaremos o seguinte:

A aplicação dos desenvolvimentos é um dos pormenores técnicos mais importantes na arte de bem correr.

Se apoi os primeiros sintomas da sua diminuição de rendimento, Alves Barbosa tem procedido

a uma revisão cautelosa — e dizemos cautelosa porque não se pode alterar bruscamente aquilo a que as pernas estão habituadas: as rotações — do sistema mecânico de tração da sua máquina, quer-nos parecer que teria concluído a Volta à França em vez de ser eliminado nas condições conhecidas.

O uso das grandes desmultiplicações exige um gasto muscular e nervoso de grande monta. Ao serviço dum corredor em grande forma constitui um elemento de primeira ordem. Em condições diferentes é nefasto e perigoso.

Querer imitar um Darrigade, que pela força da sua especialização é mais um conquistador de etapas que um voltista, constitui um erro tão grande como o de conquistar prémios de velocidade a trepar, desde que não se seja trepador nato. Para tal cometimento — o de mais veloz a escalar

houve que recorrer a desenvolvimentos excessivos às suas possibilidades potenciais. «Partir os pés» é, nestes casos, o que costuma suceder ao corredor que usa imoderadamente os desenvolvimentos pesados.

Numa das tiradas da última Volta ao Algarve (era então amador) queixava-se o Alves Barbosa dum acontecimento para ele inédito: o da máquina, de repente, lhe dar a sensação de pesar arrobadas, sem que qualquer sintoma de «afamamento» o tivesse atacado.

Ouvimos dizer em Faro acerca de um dos melhores corredores do Sporting, que a sua condição física era explêndida, mas que o ciclista se queixava das pernas

não darem o rendimento desejado.

«Das pernas para cima sinto-me óptimo. Elas é que não correspondem. Parece que as tenho presas a qualquer coisa», dizia o corredor.

Pessoa amiga ligada à Volta afirmou-nos que a equipa espanhola trazia no seu conjunto de carretos o  $13 \times 52$  (8,52 mts.),

## Ensino Primário

Para conhecimento dos interessados, se comunica que o prazo normal para a matrícula no ensino particular (primário) decorre de 1 a 15 de Setembro, como foi determinado pelo Decreto-Lei n.º 41.192 de 18-7-1957.

## Notícias pessoais

### ANIVERSARIOS

Fazem anos em Agosto:

Em 16, a menina Dina Maria Rodrigues Contreiras.

Em 17, as sr.ª D. Maria Amélia Cativo Leonardo Ferreira e D. Maria Francisca Stevens e a menina Elvira Pereira Nunes, residente em Lisboa.

### PARTIDAS E CHEGADAS

— Acompanhada de seus filhos veio de Moçambique passar uma temporada na Metrópole a sr.ª D. Maria Catarina Pinto Medeiros Rocheta Cassiano, esposa do nosso prezado amigo sr. Eng.º Henrique Manuel Rocheta Cassiano.

— Com sua esposa e filhos encontram-se a gozar as suas licenças em Quarteira, os nossos prezados amigos e conterrâneos, srs. Manuel Martins Seruca, e Dr. Francisco Ramos Seruca, respectivamente tesoureiro de Fazenda Pública em Viana do Castelo e médico veterinário em Vimeiro.

— Também na mesma praia está passando suas férias, acompanhado de sua esposa o nosso estimado assinante e amigo, sr. Dr. João dos Ramos Seruca, ilustre professor liceal do Porto.

— Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Alberta de Barros Gonçalves, encontra-se entre nós em gozo de licença, o nosso estimado amigo e conterrâneo sr. Gilberto da Ponte Gonçalves, funcionário do Ministério das Finanças, residente em Lisboa.

— De regresso a sua casa, após ter passado uma temporada em Lisboa, já se encontra em Loulé a sr.ª D. Francisca Dias da Piedade Formosinho.

— De visita a seus pais, encontra-se em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Orlando Rafael Pinto, acompanhado de suas filhas e esposa sr.ª D. Maria Eduarda Sá Pereira Pinto.

— Em gozo de férias, está em Loulé, o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. João Maria Martins da Silva, funcionário judicial em Lisboa.

— De visita a sua família, esteve no Algarve com pouca demora, o nosso estimado colaborador e prezado amigo sr. Dr. Vergílio Passos, professor do ensino secundário em Odemira.

— Com sua esposa, encontra-se na Quinta da Umbria (Loulé), o nosso estimado assinante e prezado amigo sr. Dr. Henrique Alberto Leote Cavaco.

— Com sua família, está veraneando na Praia de Monte Gordo, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Dr. Armando Cassiano, distinto professor de ensino liceal e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Faro.

— Acompanhado de sua irmã, sr.ª D. Ilda Viegas Olival, seguiu em cura de águas para as Termas de Caldelas o sr. Tenente-Coronel Amadeu Viegas Olival, nosso estimado assinante e prezado amigo.

— A fim de festejarem as Bodas de Prata matrimoniais, deslocaram-se ao Santuário de Fátima, onde assistiram a uma Missa, o nosso prezado amigo e assinante e conceituado comerciante da nossa praga sr. Armando de Freitas Filho e sua esposa sr.ª D. Cândida Mendonça de Freitas Filho.

— Em gozo de férias, encontra-se entre nós acompanhado de seus filhos e esposa, sr.ª D.ª D. Aura Laginha dos Ramos Guerreiro, o nosso estimado amigo e assinante na Ilha da Madeira sr. Eng.º Analida da Silva Guerreiro.

— Encontra-se em Loulé em gozo de licença, o nosso prezado assinante sr. José Elias dos Santos Nunes, aspirante de finanças em Azambuja.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso estimado amigo e assinante em Coimbra sr. Dr. Francisco de Sousa Inés.

## YOGOURT

Medicamento - climento de extraordinárias propriedades nutritivas e medicinais

Fabricado com o máximo esmero pela

COOPERATIVA ACRÍCOLA DOS PRODUTORES DE LEITE DE TAVIRA

À venda em LOULÉ na

«Cerveitaria (Faz-tudo) PRAÇA DA REPÚBLICA

«Enquanto eu for vivo  
não haverá ciclismo em Loulé!»

(Continuação da 1.ª página)

esforço em prol do renascimento do ciclismo louletano!

Com afirmações deste teor conclui-se facilmente que quem manda no Loutetano é um dirigente crônico e não os seus sócios!

Nesta parte, confirma-se a existência de razão aqueles que há muito tempo proclamavam essa ditadura clube.

Não custa reconhecer o esforço que esse dirigente tem produzido pelo ciclismo louletano, o que é para louvar.

Mas ir além desse justo reconhecimento, proclamando-se tutor desse desporto, numa terra de 50.000 habitantes, parece-nos uma usurpação de poder.

Suponhamos que alguém mais se lembra de proclamar esta outra espanholada: «en quanto eu for vivo não haverá carnaval em Loulé!»

Enfim, simplesmente lamentável!

### Festival de Pista em Tavira

Realiza-se esta tarde mais um festival de ciclismo na pista do Ginásio de Tavira, com a colaboração de corredores de Lisboa, Tavira e Loulé. Silvino Epifânia, do Sporting é a atração do excelente programa de corridas.

## A NOSSA ESTANTE

### OS NOSSOS FILHOS

Os últimos números da Revista Os nossos filhos, que acabamos de receber, ocupam-se de assuntos do maior interesse para a saúde e educação das crianças. Entre eles, destacamos Aspectos morais e religiosos do parto semelhantes a estes.

As crianças e o dinheiro, o alcoolismo, leituras para crianças, Teatro infantil, Problemas da Adolescência, etc., são alguns dos assuntos tratados nestes números, que, como de costume, inserem páginas de reportagens, entrevistas, inquéritos, de culinária, bordados, rendas, modas, etc.

Crianças surdas, crianças de vista fraca, crianças que não querem comer. As crianças e o dinheiro, o alcoolismo, leituras para crianças, Teatro infantil, Problemas da Adolescência, etc., são alguns dos assuntos tratados nestes números, que, como de costume, inserem páginas de reportagens, entrevistas, inquéritos, de culinária, bordados, rendas, modas, etc.

Eis uma publicação que, sem dúvida, muito tem ajudado as mães portuguesas a fazer de seus filhos crianças saudáveis, alegres, felizes.

Redacção: Rua de Infantaria Dezasseis 69-2.º — Lisboa.

## HORTA

Vende-se uma horta, com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e ramada, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

### Subscrição para o monumento ao Dr. Sr. Bernardo Lopes

Transporte . . . . .	27.577\$70
Adelino Fernandes Martins dos Santos — Loulé	10\$00
Mário Floro Mendes Teresa — Loulé	10\$00
José Apolo dos Santos — Loulé	5\$00
Francisco Filipe — Loulé	2\$50
José da Palma Mendonça — Loulé	10\$00
Manuel Mestre — Loulé	30\$00
José de Sousa — Cruz da Assomada	30\$00
Filipe José Carracinha — Ferreira do Alentejo	5\$00
Manuel Rosa — Arneiro — Salir	2\$50
Joaquim Pedro — Reveres — Ameixial	5\$00
D. Lidia Laginha Mestre — Loulé	20\$00
D. Maria da Conceição L. Mestre — Loulé	20\$00
António Bento das Neves — Argentina	500\$00
A transportar . . . . .	28.227\$70

A transportar . . . . .

# A Voz de Loulé

## UMA IMAGEM



da última  
Volta  
à França  
em bicicleta

O «sprint» emocionante entre os 3 primeiros da etapa, na pista do estádio municipal de Bordeus.

«Emparedado» pelos italianos Padovan (à corda) e Baroni, vê-se o francês Darrigade a puxar pelos calções de Baroni, para se livrar da sanduíche feita pelos 2 adversários. Com este expediente Darrigade venceu a tirada. Baroni protestou junto do júri, Darrigade replicou e no fim esboçou-se um conflito entre os dois especialistas de chegadas. Estes e outros truques, em que os profissionais do ciclismo são usados e vezeiros, têm dado lugar a desastres graves e cenas degradáveis.

Como pormenor técnico repare-se nos quadros curtos, selins elevados, (semelhantes às máquinas de roda presa de pista) e os braços abertos para obstruir a marcha dos adversários.

## SERVIÇO de automotoras

(Continuação da 1.ª página)

Disto se deprende que o serviço de automotoras já é deficiente e que portanto não corresponde à afluência de público. E o público está preferindo viajar de automotora porque reconhece que é mais cômodo, mais rápido e ainda porque o horário serve os seus interesses. Resta portanto à C. P. servir melhor o público pondo mais e melhores automotoras ao seu serviço.

Bem sabemos que a C. P. já por várias vezes tem posto um «atrelado» na automotora Vila Real Lisboa, mas parece-nos que é necessário que o faça sempre que a afluência de público o justifique.

Quere-nos parecer que, com um pouco de vontade seria fácil assegurar a todos os passageiros que pretendessem embarcar em Loulé, dada a curta distância que nos separa do entroncamento de Tunes onde lógicamente deveria haver sempre um atrelado para acudir a qualquer emergência, no caso de também a automotora do ramal de Lagos seguir com a lotação esgotada.

Oxalá a C. P. manifeste desejo de servir melhor o Algarve.

## PEDRAGOSA

### Agradecimento

FRANCISCO ALEXANDRE DE SOUSA

Joaquina da Conceição Bota e demais família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, por carencia de endereços e ilegitimidade de assinaturas, veem por este meio expressar os seus agradecimentos a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso marido e parente e bem assim a quantas, de qualquer forma manifestaram os seus sentimentos de pesar pelo infâusto acontecimento.

## Ecos de QUERENÇA

(Continuação da 1.ª página)

Realiza-se nos próximos dias 15 e 16 de Agosto os tradicionais festas e feiras em honra da Nossa Senhora da Assunção padroeira desta freguesia, de cujo programa constam as habituals cerimónias religiosas.

A noite haverá um curioso serão de arte, desempenhada por um grupo de amadores desta freguesia, em que serão apresentadas vários números de teatro, músicas regionais, acompanhados pelo artista de 15 anos, Manuel de Sousa Guerreiro.

Os C. T. T. acabam de criar um serviço de distribuição diária de correspondência para vários sítios desta freguesia, o que causou grande regozijo entre a população beneficiada.

No sítio da Ponta da Tor, foi criado um Posto de Correio de 1.ª classe, por intermédio do qual já se podem mandar e receber cartas registadas, vales, amostras sem valor, etc., o que também agradou muito aos habitantes deste sítio.

Encontram-se a passar as férias com suas famílias os estudantes universitários, sr.ª D. Maria do Carmo da Conceição Guerreiro Lecia, Zélia Mariano Guerreiro, Maria do Carmo Contreiras Guerreiro, Laurete da Silva Paulino, Manuel dos Santos Mendes, Francisco José dos Santos Guerreiro, Gabriel Guerreiro, Eusébio Viegas da Silva, José Maria Afonso Guerreiro.

»»»»»

### Sociedade Filarmónica

#### Artistas de Illinerva

Na próxima 3.ª feira, dia 13, pelas 22 horas esta popular filarmónica da nossa terra dará um concerto no coreto da Avenida José da Costa Mealha, sob a competente regência do maestro seu regente sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas.

No dia seguinte seguirá para Espanha a fim de abrillantar as festividades que se realizam em Lepe.

## Loulé e o «Diário Ilustrado»

Com motivo na referência às terras por onde passava a Caravana de Voito a Portugal, em bicicleta, publicou o simpático vespertino «Diário Ilustrado» em tipo de relevo uma elegia e lisonjeira saudação a Loulé, no seu número de 3.ª feira última.

«Não resistimos à tentação de transcrever, na íntegra, essas palavras amigas e encomiásticas que exaltam o bairrismo e generoso orgulho pelo nosso terra.

Na realidade, vamos dando tanto de elogios e louvores a Loulé, que, quando nos surpreendem exaltações tão claras e vigorosas como as que reproduzimos, enche-se-nos o peito de alegria e confiança no progresso e importância do nosso Concelho, «o maior Concelho algarvio e a mais bela Vila do Algarve».

A quem escrever tão calorosa saudação agradece «A Voz de Loulé», reconhecidamente, em nome dos louletanos a justiça de observação e o sentimento amigo e generoso que as ditou.

## ROTEIRO Turístico de LOULÉ

— O maior concelho algarvio

«Loulé, vila com nove freguesias, é o maior concelho do Algarve.

A região onde assenta a vila foi povoadas em remotas idades. Os romanos exploraram algumas minas em Querença e Alto, mas é incerto que tenham fortificado o lugar, como, aliás pretendem alguns estudiosos. As fortificações devem, sim, atribuir-se aos mouros, a quem D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago, a tomou em 1249. O assalto demorou dois dias, com um combate no primeiro sítio dos Furadouros. As conquistas dos reis de Portugal e dos Algarves deram origem a um conflito com Afonso X, que considerava o Algarve como a zona que lhe estava destinada. Afonso X teria tomado o castelo depois da conquista deste, devolvendo-o, afinal a D. Afonso III, que lhe deu o fidalgo, em 1266, confirmado por D. Manuel, em 1504.

Loulé foi erigida em condado por D. Afonso V, em favor de D. Henrique de Meneses. A vila é das mais interessantes de todo o Algarve, e pena é que o terremoto de 1751 tenha destruído todos os seus monumentos, incluindo o castelo, de cujas ruínas desapareceram fontes, reixas, ferros forjados, etc.

Têm feiras anuais no 2.º domingo da Quaresma, denominada de Passos; a 28, 29 e 30 de Agosto; a 8 de Dezembro (Feira de Nossa Senhora da Conceição). etc. Tem mercados aos domingos e dias feriados e uma romaria bastante concorrida, com larga procissão em todo o Algarve. O festejo municipal é no 1.º de Maio.

Loulé é não só a mais bela vila do Algarve, como das mais belas e progressivas de todo o País.

## ARMAZÉM

Aluga-se, um amplo armazém numa rua paralela à Av. José da Costa Mealha.

Nesta redacção se informa.

## COFRE

Vende-se, modelo antigo mas em estado novo,